

DIEGO SCHUTT

**A VIDA
É SUJA,
MEU
FILHO**



A VIDA É SUJA, MEU FILHO

UM CONTO DE DIEGO SCHUTT

Projeto Gráfico: Diego Schutt
Copyright © Diego Schutt, 2019

Elvira reclama da insistência burra de Heitor em vestir branco para trabalhar na imundície o dia inteiro. Ele sorri e pergunta se também não é burrice arrumar a cama de manhã para desarrumar à noite, tomar banho para sair no calor do verão e organizar a casa para as meninas bagunçarem tudo de novo. A mulher revira os olhos e pendura na maçaneta da porta da cozinha os dois cabides com as camisas passadas.

Heitor limpa os arredores da boca no guardanapo com a precisão e insistência de quem raspa a barba dos cantos difíceis do rosto. Pinça um a um os poucos farelos de bolo sobre a barriga e os coloca ao lado do prato, limpo o suficiente para ser devolvido ao armário. De pé, apanha uma das camisas e entrega para Elvira. Ela segura a peça pelo colarinho. Heitor encaixa os braços com cuidado. “Esse é meu cartão de visita, amor. Chegar no cliente sujo do trabalho anterior é desrespeito. O tio Francisco que dizia: Educação não é só o que se diz, é também o que se mostra.” Ele pega o cabide com a outra camisa da maçaneta e beija a testa da mulher.

A casa 613 era um dente sujo estragando o sorriso de casas brancas na Rua Almeida de Barros. As trepadeiras secas cobriam parte do telhado e da fachada, quase escondendo as janelas do segundo andar. Em frente à entrada, um jardim de terra dura e uma única árvore mal se aguentando em pé. Era um sertão em plena cidade tropical.

Se fosse na vizinhança de Heitor, ele escreveria uma carta. “Prezado proprietário. Você não tem o direito de embagulhar uma rua que não é só sua. Favor tomar as medidas cabíveis para deixar sua casa apresentável por fora. Reserve seu desleixo da porta para dentro.” Usaria como modelo a carta que

enviou no mês anterior para a porca relaxada a duas casas de distância da sua. Mas ali não era sua vizinhança. Ele aperta a campainha.

Heitor percebe uma mancha gordurosa na manga da camisa. Acumula saliva, lambe o polegar e esfrega o ponto amarelado. A mancha ganha corpo e se espalha pelo tecido. Uma lambida mais molhada, uma esfregada mais vigorosa e o amarelo da manga quase desaparece. Heitor desiste da campainha e bate na porta com o joelho do dedo indicador. O som compassado de alguém descendo escadas depressa. A porta aberta.

“Oito horas era o combinado,” o homem aponta para o relógio no pulso.

“Bom dia. O senhor me desculpe o atraso, mas o senhor não deixou telefone de contato.”

O homem sacode os braços. “Deixa, deixa, pode passar.”

Heitor pede licença baixinho e entra. Seus olhos demoram alguns segundos para se ajustar ao escuro de dentro da casa. O corredor era uma caverna longa e estreita. O sol daquela manhã de céu limpo se espremia para entrar pelas frestas das persianas fechadas. Heitor, tentando acompanhar os passos apressados do homem, tropeça na cabeça torta de um prego mal colocado. Sua maleta de metal voa ao chão, espalhando as ferramentas e deixando uma marca profunda no piso de madeira ressequido.

“Mil desculpas, mil desculpas senhor.”

Heitor se dobra sobre a barriga proeminente e começa a recolher o conteúdo da maleta. Se sente menos culpado ao constatar o estado deplorável do assoalho.

“É o seu segundo pedido de desculpas em menos de um minuto,” o homem suspira impaciente. Heitor quase pede desculpas uma terceira vez.

Ele percorre o corredor coletando os anéis de borracha, alicates e chaves de fenda espalhados por todos os lados, reparando no estado do resto da casa. As cortinas rasgadas cobrindo metade da janela de um cômodo vazio, a outra metade revelando uma rachadura no vidro. Na sala de jantar, dois pratos dispostos na ponta da mesa que preenche a largura do cômodo quase por completo. Nenhum talher. Só uma faca jogada no chão. Jogada ou caída. Acima do jogo de sofás de veludo escuro, duas teias de aranha elaboradas pendem do lustre grande demais para a sala de estar. As manchas nas paredes azul-claras parecem continentes no mapa de um planeta estranho. Era uma casa abandonada que esqueceram de abandonar.

Heitor caminha encolhendo o corpo, evitando encostar em nada que não fosse o chão. A umidade pesa em seus pulmões. Ele inspira pela boca e sente um azedo na goela.

“O banheiro é no segundo andar, a última porta à direita no fim do corredor,” o homem fala em um tom mais alto do que necessário.

Na penúltima porta, Heitor espreita uma velha na cama, dobrada ao meio de um jeito que o faz recordar do outro dia, da mulher dobrada no chão da sua rua, o buraco no peito sujando a calçada de vermelho. A polícia tirou fotos do corpo e jogou um pano por cima. Hipnotizado, Heitor assistiu ao sangue pintando o

tecido branco de escuro. “Como pode de um buraco sair tanta lambança?” O trabalho daquela noite também tinha sido isso, um único buraco na tubulação do cartório e a papelada de toda uma repartição destruída. Heitor mordeu a boca ao abrir a parede. “Isso aí senhora é melhor trocar os canos todos que tão com essa coloração.” A mulher mandou ele consertar o buraco e não achar que ela era idiota para acreditar naqueles exageros e pagar mais caro por um serviço simples.

Heitor ficou tapando o buraco no cartório até tarde da noite. Na volta para casa, o disparo, o som de sapatos correndo para a escuridão no fim da rua, o buraco no peito da mulher que não tinha mais conserto e aquela sujeirama na calçada que a vizinha teria que esfregar muita vassoura para limpar.

O banheiro no fim do corredor revela o mesmo desleixo do resto da casa. O piso forrado de toalhas encardidas e tufo de cabelo, as paredes inchadas, os azulejos faltando, a moldura enferrujada da janela basculante. Ali, a camisa de Heitor parece ainda mais branca.

“O vazamento é na parede ao lado do box. O que o senhor recomenda?”

Heitor abre a boca para responder, mas o homem o interrompe.

“E só para sua informação, eu tenho o orçamento de outros encanadores. O senhor então pode pular a parte onde joga o valor lá em cima pra negociar e me dá logo seu melhor preço.”

Uma vida toda de honestidade para escutar isso. Heitor era sempre o golpista, o malandro, ainda que não fosse, mesmo sendo exatamente o contrário. Ninguém

parecia associar seu uniforme bem lavado e bem passado a sua consciência limpa. Recomendava somente o que precisava ser recomendado. Jamais colocaria comida comprada com mentiras na boca da sua família.

“Nosso orçamento é duzentos no máximo,” um homem mais velho entra no banheiro, empurrando a gravata em direção ao queixo.

“Não se intromete, porra. Eu tô negociando aqui,” o mais novo responde.

“Senhor, é muito simples. Seu preço não passa de duzentos, pode começar o trabalho. Ou a gente vai chamar outra pessoa,” o mais velho diz e esboça um sorriso.

O homem mais novo arrasta o mais velho pelo braço para o corredor. Heitor escuta o bate boca aumentando gradativamente de volume a cada resposta. Próximo ao box do chuveiro, ele observa as gotículas de água engordando na parede até não aguentarem seu peso e escorregarem para o chão.

O rangido da porta do banheiro se fechando. A velha, que na cama parecia morta, caminha manca até a privada. Ela puxa a camisola roxa na altura do umbigo e se senta, bloqueando a passagem com as pernas e encurralando Heitor naquele canto do banheiro. Convencido de que a velha tinha algum problema nos olhos, ele balbucia qualquer coisa para anunciar sua presença.

“Essa casa não precisa de conserto não. O senhor não perca seu tempo,” a velha fala com uma voz de poucos dentes na boca. Seu miço soa como uma torneira se esforçando para cuspir o resto de água de um cano quase vazio. Heitor procura

por um ponto fixo para dirigir o olhar até, finalmente, voltar sua atenção para a porta do banheiro. A velha recolhe as pernas para baixo da privada.

“Pode passar se o senhor quiser. Mas o senhor é melhor aguardar um instantinho que aqueles dois quando fica nesse estado de fúria é um perigo.”

Heitor cruza os braços e olha para o teto.

“Nunca se gostaram, sabe?” A velha se levanta e abaixa a camisola. Fecha a tampa e se senta sobre a privada. “Eu tive muito muito azar com criança. Foi a vida toda isso aí,” ela se vira para puxar a descarga. “Mas o que deus nos dá né, pois a gente agradece e cuida como pode. O senhor tem filho?”

Heitor se permite olhar para a velha pela primeira vez. Seu corpo é um dedo mindinho, reto, ossudo. A cabeça é uma unha doente, opaca, farelenta.

“Duas filhas. Odessa de cinco e Janine de oito.”

Ela balança a cabeça concordando. “Ah, filha é bom. Homem quer mandar em tudo, até em mãe quer mandar. Mas filha é bom. Deus abençoe.”

As paredes vibram com uma batida de porta. O homem mais novo entra no banheiro, sua camisa agora mais amassada.

“Porra, mãe. Volta pro quarto, vai.”

Ela se levanta com dificuldade da privada. O filho não ajuda.

“Eu tava aqui conversando para distrair o senhor desse vexame de vocês.”

O homem agarra a velha pelo braço e a arrasta para fora do banheiro. Sozinho, Heitor permanece imóvel por alguns segundos. Pega sua maleta e desce as escadas. O homem desce correndo atrás.

“Olha, por favor, o senhor dando uma remendada, só pra diminuir o vazamento já tá ótimo. O seu serviço mais barato, quanto é?” O homem espia o relógio no pulso.

Agarrada no corrimão do mezanino no segundo andar, a velha mastiga a língua. Heitor coloca a maleta no chão e cruza os braços.

“Trezentos. Pagamento adiantado. Em dinheiro.”

A velha caminha em direção ao quarto. O homem tira as notas da carteira e entrega para Heitor.

“Quando terminar, o senhor por favor só não esquece de virar a tranca antes de bater a porta.”

A parede do banheiro aberta, cacos de azulejo no chão. Heitor usa a broca para quebrar os tijolos ao redor do cano enferrujado. A velha entra e espera por um intervalo de silêncio.

“Guilhermina é meu nome.”

Heitor baixa a máscara sobre a boca e o nariz.

“Se a senhora puder usar um outro banheiro, por favor. Em seguida eu termino o serviço aqui.”

“Amendoim, o senhor aceita?” A velha estica o braço oferecendo o saquinho.

Heitor não tinha a habilidade do tio Francisco, que sabia ser grosseiro na medida certa para evitar conversa mole e atrasar o serviço.

“Sou alérgico, dona. Obrigado.”

“Alergia. Que bobagem. Alergia é sinal de corpo fraco.”

“Alergia é condição médica, senhora. Muito séria por sinal.” Heitor usa o alicate para bater de leve no cano.

“Escuta meu filho, o corpo da gente é que nem a cabeça. Se o corpo tem medo de amendoim é porque nunca enfrentou o medo de amendoim. Toma, prova aqui,” ela aproxima o saquinho de Heitor. Como se protegesse de um tapa, ele bate na mão da velha, derrubando metade do conteúdo do saco no chão.

“Não é brincadeira não, senhora. Eu sou alérgico.”

“Ah é? E quando foi seu último ataque alérgico?”

Heitor vasculha a maleta de ferramentas.

“Alergia sabe o que é meu filho? É sintoma de mãe medrosa.” A velha termina de mastigar um amendoim e continua. “Eu cresci colocando terra na boca, lambendo a calçada na frente de casa, comendo o que colocavam no meu prato. Hoje em dia é só dar uma comichãozinha na pele e as mãe já sai gritando histérica é alergia é alergia.”

“Olha, é melhor a senhora ir pra um outro cômodo pra não se sujar.” Heitor coloca a máscara sobre o rosto e volta a perfurar a parede.

“De sujeira não tenho medo não. A vida é suja, meu filho. Não adianta querer limpar,” a velha grita por cima do barulho.

Heitor relaxa o dedo que pressionava o gatilho da máquina. “Com todo respeito, dona Guilhermina. Assim fica difícil pra mim trabalhar.”

“Pois não trabalhe. Deixa tudo assim mesmo.”

“Seu filho já me pagou pelo serviço.”

“Mas pode ficar com o dinheiro. Deixa a parede aberta e tudo assim mesmo e pode ir, senhor.”

“Já vou terminar aqui e deixo a senhora em paz.”

“Escuta, meu marido costuma vir por essa hora e não vai gostar de me encontrar aqui sozinha com homem estranho. Meus menino pegaram o temperamento dele. O senhor viu, não viu? Então o senhor pra evitar desentendimento, faça o favor de ir agora.”

Heitor larga a broca no chão e se levanta. Considera abandonar o trabalho pela metade, mas o dinheiro faria falta no final do mês. A oferta da velha nunca aceitaria.

“A senhora se incomoda de me dar uma água gelada por favor? Nesse calor, sabe como é, a gente desidrata fácil.”

“Ah pois não, pois não. Eu trago a água enquanto o senhor recolhe suas coisa, tá bem?”

Heitor concorda com a cabeça. Assim que escuta a velha descendo as escadas, corre para a porta e vira a tranca do banheiro.

A rua estava vazia na outra noite. Heitor correu para olhar de perto a mulher dobrada na calçada, o peito furado cobrindo o asfalto com um lençol fino de sangue. A broca e as chaves de fenda na sua maleta poderiam fazer um buraco igual àquele. O que diria à polícia? Como descreveria o quase nada que tinha visto, insinuando sua inocência sem levantar suspeita? “Eu moro mais adiante, ali naquela casa azul, e tava voltando do trabalho quando ouvi o disparo. Só isso.”

A simplicidade desse relato lhe soava mentirosa, ainda que não fosse, ainda que qualquer acréscimo parecesse desnecessário. Precisava explicar mais. “Estava fazendo um trabalho no cartório da avenida vinte e sete de julho. Sou muito muito honesto. Tenho clientes e amigos pra atestar. Terminei mais tarde do que esperava. Nunca vi uma arma de verdade. Tenho mulher e duas filhas. Também tenho referências. Nunca reclamaram do meu serviço. A sujeira na minha camisa é ferrugem, não é sangue. Pode olhar de perto. Nunca vi aquela mulher na vizinhança. Nunca vi gente morta, a não ser em caixão dentro de igreja.”

Três batidas na porta do banheiro. Heitor sacode a cabeça e segue lixando o cano. A maçaneta sobe e desce, insistente, nervosa. A velha parece martelar com o corpo o outro lado da porta. Um pequeno pedaço de madeira na altura do trinco se desprende. A porta aberta. A velha entra no banheiro segurando um copo de água turva.

“Mais de quarenta ano eu moro nessa casa, meu filho. Não tem porta fechada que me deixa do outro lado.” Ela entrega o copo para Heitor. Ele olha para a velha, olha para o copo e despeja a água na privada.

“Não vai dizer que o senhor também é alérgico à água?”

“Posso ajudar a senhora com alguma coisa? A senhora quer que eu ligue pra alguém?”

A velha suspira impaciente e retira da borda do sutiã, uma a uma, três notas amassadas.

“Cem, duzentos, trezentos. Toma, pelo seu incômodo. O senhor pode pegar suas coisa que eu lhe acompanho até a porta.”

“Seu filho já me pagou pelo serviço, dona Guilhermina.”

“Eu sei, eu sei. Isso aqui é extra pro senhor ir embora. Agora. Tem que ser agora.”

Heitor abre a boca e, em seguida, engole o que tem vontade de dizer.

“Eu gostaria de falar com um dos seus filhos. A senhora pode me passar um telefone de contato?”

“Meus filhos? Esses dois tão só esperando eu morrer pra vender essa casa pra fazerem um desses prédio alto. O mundo virou isso agora. As pessoas economizam economizam para comprar ar. Terreno, meu pai que dizia. Terreno é o que tem valor, minha filha. E o terreno do prédio é de quem? Não é de quem mora não, é das empresa essas que fazem prédio. E fazem que nem a cara deles, tudo mal acabado, tudo do mais barato. Olha essa casa. Mais de

quarenta anos e as torneira tudo funciona. Naquele tempo as coisas se faziam pra durar, sabe?”

“E o seu marido então, a senhora pode me passar o telefone do seu marido?”

“Imagina meu marido chegar aqui e encontrar um prédio. Vai saber como, em que andar me achar? Não não não. Aqui, trezentos pro senhor deixar tudo assim e ir embora.”

A velha coloca o dinheiro dentro da pia. Mergulha a mão no bolso da camisola, agarra um punhado de amendoins e atira para dentro da boca.

Heitor limpa as mãos nas calças e coça a parte de trás da cabeça.

“Olha, eu vou ter que pedir licença mais uma vez pra senhora deixar eu terminar o trabalho aqui. Por favor.”

Os olhos da velha se esvaziam. O corpo, antes levemente agitado, agora se aquieta. Só a boca se mexe, insistente, descompassada, o som dos amendoins quebrando contra os poucos dentes. Na primeira tossida, a boca da velha dispara dois ou três amendoins quase inteiros. Nas tossidas seguintes, apenas ar comprimido. O intervalo entre cada espasmo encurtando. Ela segura a garganta com as mãos e suga todo o ar do banheiro. Heitor se aproxima e prepara o braço para bater nas costas dela. Quebraria sua coluna, provavelmente, uma ou duas costelas pelo menos. Não havia carne suficiente na velha para amortecer o impacto da espalmada de um homem do tamanho dele. Heitor segura ela por trás. Com uma mão agarrada à outra, pressiona a barriga plana da velha. Uma, duas, três vezes. Ela crava as unhas de uma mão no

pescoço de Heitor e segura no colarinho da sua camisa com a outra, como se a morte a puxasse para o precipício e ele fosse o último galho. Dona Guilhermina sufocando nos seus braços e ele já considerando a melhor maneira de descrever o incidente.

Os policiais chegaram à cena do crime perto da sua casa, no outro dia, e explicaram que Heitor era testemunha ocular da mulher morta. Ele não tinha visto nada, quase nada, disse logo para a detetive. Só escutou o disparo e encontrou o corpo dobrado no chão. “O senhor vai ter que me acompanhar até a delegacia.” Uma vida toda de honestidade para escutar isso. Foi levado para prestar esclarecimentos na Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa, mesmo o homicídio já tendo ocorrido e a pessoa morta não podendo mais ser protegida. Passou a noite em claro, preso na burocracia. No outro dia não pôde trabalhar. E não pôde trabalhar outros dias também. A detetive ligou. Precisaria voltar para mais perguntas, mais papéis, mais assinaturas. Não fez nada de errado, tinha a ficha limpa, limpíssima, aliás, mas quem o visse entrando e saindo daquela delegacia tantas vezes pensaria diferente.

Dona Guilhermina morrendo nos seus braços e ele já pensando nas perguntas, na papelada, nas assinaturas, nos dias de trabalho perdido. Num jato reto, a velha vomita um líquido amarelo escuro. As golfadas seguintes caem do queixo como cachoeira, sujando sua camisola e as mãos de Heitor. Os corpos se afastam. Heitor corre para a pia e abre a torneira. Esfrega com força a pele onde havia pedaços de amendoim e vomita o café da manhã mal digerido. Pedaços de maçã, ovo frito, cereal, bolo de cenoura. A respiração ofegante e quase sincronizada dos dois diminui de ritmo. Passados alguns segundos, os corações já desacelerados, os estômagos vazios, as roupas encharcadas de suor, a velha se arrasta para fora do banheiro.

No corredor, com sua maleta de ferramentas em mãos, Heitor espreita a velha de volta no quarto, sentada na borda da cama.

“Eu vou deixar o dinheiro na mesinha perto da porta,” ele soa constrangido e resignado.

A velha desenterra a cabeça das mãos e vira na direção de Heitor.

“Por deus no céu, eu não lhe disse pra ir embora? O senhor viu a cara dele? Uma repulsa assim na boca, como se tivesse enjoado do estômago de me ver. Me olhou com os olho pequeno que ele faz quando se enfurece e entrou pelo buraco da parede, o senhor viu? Ele veio me visitar e o senhor me agarrando por trás daquele jeito. Credo. Cruz credo.”

A velha se dobra na cama na mesma posição em que Heitor a viu pela primeira vez. Ela agora parece mais vazia, mais transparente. É mais uma sujeira na casa, mais um prego de cabeça torta, mais uma cortina rasgada, mais um vidro rachado, mais uma faca caída no chão, mais uma trepadeira seca, mais um vazamento sem conserto. Heitor fecha a porta sem virar a tranca. A casa parece ainda mais esquecida e abandonada.

Ligou e pediu desculpas para o cliente da tarde. Não poderia, não tinha como, marcariam para um outro dia. No banho, a água suja escorria pelo pescoço arranhado, passando pelos ombros, barriga e pernas, até chegar aos pés e, enfim, ser engolida pelo ralo. A esponja transbordando sabão. A mão esfregando a pele com força e insistência. A água quente pintando a pele de vermelho.

Heitor pensa na velha, suja, vomitada, tentando entrar pelo buraco na parede do banheiro para achar o marido. Imagina um dos filhos encontrando a mãe morta, agarrada aos canos enferrujados, a pele do seu pescoço debaixo das unhas da mulher, os hematomas na barriga branca da velha no formato de suas mãos. Dessa vez, não poderia dizer para a detetive que não tinha visto quase nada. Ou talvez pudesse.

SOBRE O AUTOR

Diego Schutt combina ideias de teoria literária, dramaturgia e psicologia social para ajudar escritores iniciantes e experientes a desenvolver textos com mais confiança, foco e impacto. Sua formação técnica em escrita criativa inclui cursos e oficinas no Brasil, Austrália, Suíça, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Japão. Há mais de uma década, ele escreve e edita o Ficção em Tópicos, o site mais completo sobre a arte de contar histórias em Português.

SUA AJUDA É BEM-VINDA

Este texto foi revisado com carinho e atenção incontáveis vezes, mas alguns erros sempre passam despercebidos. Encontrou um erro de gramática ou digitação? Entre em contato pelo ficcaoemtopicos@gmail.com.

DIREITOS AUTORAIS

Todos os direitos deste ebook são reservados ao autor Diego Schutt. Você não tem permissão para vender, copiar, distribuir, compartilhar ou reproduzir o conteúdo deste livro em nenhum meio de distribuição impresso ou eletrônico sem a autorização formal do autor. Qualquer violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.